

O ENSINO A CRIANÇAS SURDAS E A CRIANÇAS CEGAS: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE ANNE SULLIVAN EM FOCO

Cláudia Maria Nascimento Sousa – UEPB

claudiadebi@hotmail.com

Patrícia Sousa da Rocha – UFCG

patipiaui@gmail.com

Prof. Esp. Nehemias Nasaré Lourenço (orientador) – UEPB

prof.nemo@hotmail.com

Resumo

Centrado nas práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula para atender as necessidades da criança surdo-cega, bem como na metodologia e na didática empregadas por Anne Sullivan no ensino à Helen Keller, esse estudo enfatiza a necessidade de uma investigação do ensino com foco à pessoa surda e à pessoa cega. Nessa pesquisa, defende-se a necessidade do professor perceber que esse trabalho deve ser feito visando uma ampliação da competência comunicativa por parte dos alunos. Pretendemos, então, fazer uma análise da prática adotada por Anne Sullivan na alfabetização/ensino dispensadas à Hellen Keller, garota cega-surda-muda, a fim de vermos se tal prática pode ser utilizada na educação de pessoas cegas e de pessoas surdas distintivamente. Para tanto, nossa metodologia baseou-se em uma análise do exposto por Keller em seu livro “História de minha vida” comparando-o com o filme “O milagre de Anne Sullivan”. Também, nos baseamos em autores como: Biaggi, Lapate e Piaget dentre outros.

Palavras-chave: Metodologia. Surdo. Cego. Ensino. Sullivan.

Résumé

Cette étude a porté sur les pratiques d'enseignement utilisées en classe pour répondre aux besoins des enfants sourds-aveugles, ainsi que la méthodologie et la didactique employée par Anne Sullivan enseignement Helen Keller, souligne la nécessité pour la recherche sur l'enseignement en mettant l'accent sur la personne sourde et aveugle. Dans cette recherche, défend la nécessité de l'enseignant de se rendre compte que ce travail devrait être fait visant à l'expansion de la compétence communicative de la part des étudiants. Nous avons l'intention, par conséquent, d'analyser la pratique adoptée par Anne Sullivan en alphabétisation/éducation dispensée à Hellen Keller, aveugle-sourd-muet pour voir si une telle pratique peut être utilisé pour les personnes aveugles et sourds distinctement éducation. À cette fin, notre méthodologie est basée sur une analyse de l'a déclaré Keller dans son livre "Histoire de ma vie", en le comparant avec le film "Le Miracle de Anne Sullivan". En plus, nous nous appuyons sur des auteurs tels que: Biaggi, Lapate, Piaget et autres.

Mots-clés: Méthodologie. Sourds. Aveugle. Éducation. Sullivan.

Introdução

Nos últimos anos, muito tem se falado sobre educação inclusiva, principalmente no que se refere à presença de pessoas com deficiência em escolas regulares. Mas que

práticas pedagógicas estão sendo utilizadas para atender as necessidades desse tipo de aluno? Conforme o Decálogo do Surdo-Cego, “a surdez-cegueira é uma deficiência única e não a simples soma das duas deficiências surdez e cegueira, assim requer serviços especializados”.

Para o processo de ensino-aprendizagem da pessoa com surdo-cegueira, deve-se considerar, inicialmente, a classificação que esse tipo de deficiência possui, além de conhecer o nível de surdez e de cegueira. Há duas formas de classificar a pessoa surdo-cega: pré-linguístico e pós-linguístico. No primeiro caso, temos o indivíduo que nasce surdo-cego e/ou adquire a surdo-cegueira antes da aquisição de uma língua. Já no segundo caso, o sujeito fica surdo-cego após a aquisição de uma língua.

A propósito, Serpa (2002) acrescenta que

a comunicação com pessoas que adquirem a surdocegueira após adquirir a linguagem é muito diferente da utilizada pelos surdocegos congênitos, que foi exposta anteriormente, já que os primeiros possuem um nível de pensamento simbólico e costumam conservar a linguagem no transcorrer de suas vidas, caso não aconteçam circunstâncias especiais.

Zorzi (2002) destaca que a linguagem verbal é somente uma das muitas formas de comunicação, a mais complexa. Contudo, não é a única. Como exposta pelo Decálogo do Surdo-Cego, “a comunicação é a maior barreira para o desenvolvimento pessoal e a educação do surdo-cego”. Por este motivo, o ensino de métodos de comunicação eficazes deverá ser priorizado. Em outras palavras, as práticas pedagógicas devem considerar as peculiaridades e as necessidades de cada indivíduo a fim de que o mesmo possa integrar-se à sociedade. Mas, o que é, de fato a surdo-cegueira? Como ela surge?

Segundo a *Coleção Saberes e Práticas da Inclusão – Educação Infantil* (2006), a pessoa surdo-cega não é apenas aquela privada da visão e da audição nem tampouco a que apresenta problema de comunicação e de percepção. Ainda sobre a definição de pessoa surdo-cega, os delegados de 30 países, reunidos na I Conferência Mundial Helen Keller sobre Serviços para os Surdo-cegos Jovens e Adultos, na cidade de Nova York, no dia 16 de setembro de 1977, adotaram por unanimidade a seguinte conceituação:

Indivíduos surdo-cegos devem ser definidos como aqueles que têm uma perda substancial de visão e audição de tal forma que a combinação das duas deficiências cause extrema dificuldade na conquista de metas educacionais, vocacionais, de lazer e sociais.

A surdo-cegueira pode ser congênita ou adquirida: congênita quando o indivíduo nasce com esta única deficiência; adquirida quando o indivíduo nasce ouvinte, vidente, surdo ou cego e, por diferentes fatores biológicos ou externos, adquire a surdo-cegueira.

As causas dessa limitação são, portanto, variadas. De acordo com informações do Instituto Benjamin Constant, a surdo-cegueira decorre, principalmente, devido à rubéola congênita, à meningite e à Síndrome de Usher.

A surdo-cegueira congênita tem as seguintes causas:

1. de origem genética: Síndrome de Usher, Síndrome de Charge, Síndrome de Waardenburg;
2. de origem pré-natal: rubéola materna, toxoplasmose, drogas teratogênicas, incompatibilidade sanguínea;
3. lesões neo-natais: prematuridade, anóxia, drogas ototóxicas (antibióticos do tipo aminoglicosídeos), infecções;

Por sua vez, a surdo-cegueira adquirida pode originar-se em consequência de: acidentes, tumorações, diabetes, encefalite.

Estudos mais aprofundados na área da surdez corroboram que a meningite em tenra idade pode ser uma das causas da surdez. Estudiosos na área tais como Lapate e Scaff (2000) definem a meningite como qualquer processo inflamatório-infeccioso que afete as meninges, que são as membranas que revestem todo o sistema nervoso central, e pode ser causada por vários agentes: bactérias, vírus, fungos, protozoários, entre outros. Devido ao sistema imunológico ainda pouco desenvolvido das crianças menores de 5 anos de idade, tal faixa etária constitui o grupo de maior risco de contração da meningite do tipo bacteriana, sendo que um terço delas vêm a adquirir graves sequelas permanentes. Dependendo da área lesada do sistema nervoso central, pode ocorrer surdez, déficits motores, déficits sensoriais, distúrbios comportamentais, distúrbios de comunicação, entre outros.

Lapate (2000) conceitua rubéola como uma afecção infecto-contagiosa. Quando a gestante infecta-se durante os meses iniciais da gravidez, pode haver comprometimento do feto, com manifestações no recém-nascido, particularmente as alterações auditivas e visuais.

A prática pedagógica de Anne Sullivan: uma análise

O desenvolvimento da inteligência é inicialmente construído a partir de ações práticas. Piaget (1970) considera que as crianças não herdam capacidades mentais prontas, apenas o modo de interação com o ambiente, com esquemas mentais que possibilitam apreender a realidade. Por meio da interação sujeito-objeto que a criança desenvolve-se cognitivamente e linguisticamente. Foi, dessa maneira, que Anne Sullivan concebeu o processo de ensino-aprendizagem com a sua ilustre aluna Helen Keller.

Nas palavras da própria Helen Keller, “o dia mais importante de que me lembro de toda minha vida é o da chegada de minha professora, Anne Mansfield Sullivan”. Anne Sullivan era cega quando criança, mas recuperou a visão após nove cirurgias. Foi aluna da Escola Perkins, assim como Laura Bridgeman, primeira surda-cega educada lá.

As alunas cegas da Perkins fizeram uma boneca para que Sullivan levasse para Helen. A partir dela, deu-se início o trabalho de ensinar Helen, o qual consistia em relacionar o objeto à palavra por meio da sua soletração pelo alfabeto manual.

Foi uma tarefa que exigiu muita coragem e persistência por parte de Sullivan, uma vez que Helen era uma criança impaciente. Inicialmente, aprendeu a soletrar com o uso das mãos, mas apenas imitava a sua tutora, sem compreensão. Repetia as letras corretamente, mas não sabia que as palavras significavam coisas. Na verdade, não sabia que estava soletrando uma palavra ou mesmo que palavras existiam.

Biaggio (1976) entende que, num estágio inicial do seu desenvolvimento intelectual, a criança desenvolve um conjunto de esquemas de ação sobre o objeto, que lhe proporcionarão um conhecimento físico da realidade. Para tanto, deve haver assimilação e acomodação por parte do infante, ambas faltavam à Helen Keller.

Tais processos fazem parte da teoria do desenvolvimento cognitivo, elaborada a partir da Epistemologia Genética, estudada por Piaget. Sobre assimilação, entende-se o fenômeno pelo qual o indivíduo incorpora um objeto enquanto meio de conhecimento. Já por acomodação, entende-se o momento no qual o sujeito transforma sua estrutura anterior para incorporar o objeto já assimilado.

Somente após algumas semanas, Helen Keller entendeu que tudo tinha um nome, passando a ter conhecimentos sobre as coisas e os seus usos. Quando começou a

assimilar o que aprendia, tornou-se autoconfiante e sentiu-se parte do mundo. Helen aprendeu que cada palavra designava um objeto, um ato ou uma qualidade.

No entanto, Helen ainda só entendia algo se fosse concreto, se pudesse tocá-lo. A sua percepção de uma ideia abstrata deu-se no instante em que, pensando em uma solução para os erros que cometeu na sequência de contas que enfiava em um fio, Sullivan soletrou “p-e-n-s-e” na sua testa. Dessa forma, Sullivan forneceu os tipos de estímulos dos quais Helen sentia falta.

Assim, também, usando pedaços de cartolina com palavras impressas com letras em relevo, ela a ensinou a ler, sempre relacionando a soletração da palavra com o objeto que ele representa. O próximo passo foi a leitura de livros impressos.

Metodologia

Após as explicações dadas quanto ao ensino à Keller, surgiu-nos a ideia de averiguarmos se essa prática poderia ser usada separadamente para pessoas surdas e para pessoas cegas.

Para que isso fosse possível, centramos nossa atenção no filme “O milagre de Anne Sullivan” e o comparamos com a essência do livro escrito pela própria Hellen Keller. Essa comparação nos permitiu ver os dois pontos de vistas, sendo o principal o de Keller.

Também nos debruçamos sobre o ensino de pessoas surdas através das obras de Quadros e Karnopp (2004), Quadros (1997) e Gesser (2009) e Gesser (2012). Contudo, vale salientar que se necessitou de um aprofundamento maior quanto à compreensão do que seria a Língua de Sinais Brasileira e o como funciona o sistema Braille.

Análise dos resultados

Após nos debruçarmos nos estudos sobre a Libras e sobre o Braille, notamos que há uma grande diferença justamente no primeiro ponto a ser ensinado, qual seja, o alfabeto. Enquanto que o alfabeto Braille seja universal, a Libras ou de qualquer outra língua de sinais não é. Essa diferença não existe apenas na composição das letras, senão também em como são ensinadas. Abaixo, a figura do sistema Braille, o alfabeto manual da Libras e o da Língua Gestual Portuguesa (LGP).

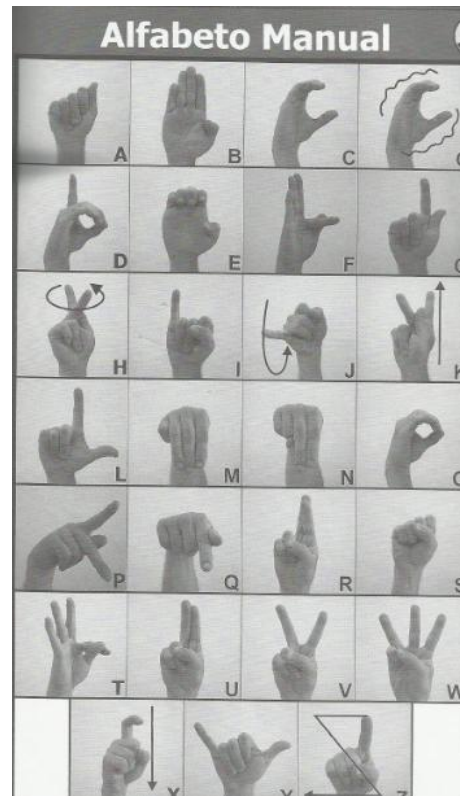
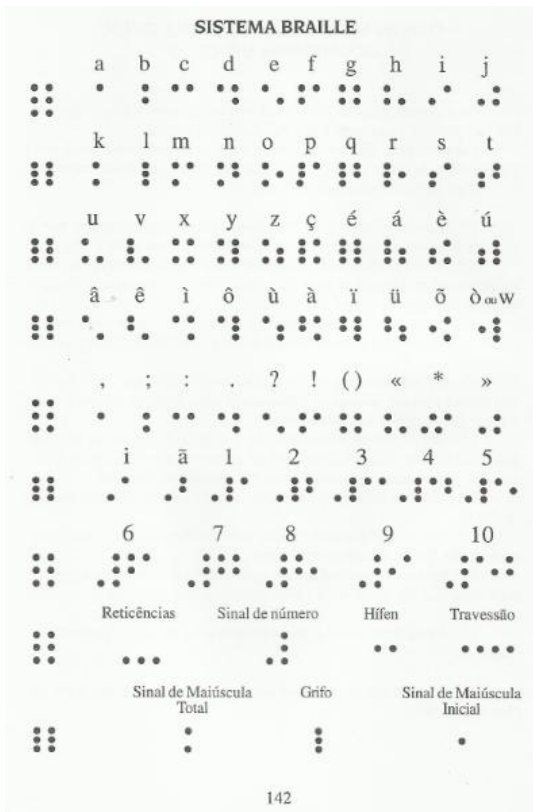


Figura 1. Alfabeto Braille.
 Fonte: Albuquerque, Edda Sá de. Meu filho cego. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002. p. 142.

Figura 2. Alfabeto Manual da Libras.
 Fonte: VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. Aprenda Libras com eficiência e Rapidez. (????). p. 53.



Figura 3. Alfabeto Gestual Português.
 Disponível em: <http://lingua-gestual-portuguesa.blogspot.com.br/2012/05/alfabeto-manual-da-lgp-vs-alfabeto.html>. Acessado em 02/11/2014 às 17:19.

Ora se considerarmos o alfabeto, em qualquer língua que seja, como sendo o primeiro conteúdo linguístico a ser ensinado e tendo em vista que o alfabeto manual e o do sistema de escrita e leitura Braille já diferem entre si, que diremos, pois, dos outros conteúdos?

Salientamos, contudo, que os conteúdos não são diferentes, isto é, não é o conteúdo em si que será diferente em cada caso, senão a maneira como será ensinado, ou seja, a metodologia empregada pelo professor.

No filme, vemos que Sullivan adotou uma postura incisiva com Keller, sendo justificável, pois Keller não tinha a compreensão do espaço particular do outro. Com os surdos, essa intervenção não seria necessária, pois como têm a visão, eles não sairiam esbarrando tampouco tateado nos pratos alheios.

Colocamos em evidência, também, que a prática pedagógica de Sullivan trata-se na verdade de uma competência, visto seu conceito formulado por Zabala e Arnau (2010):

A capacidade ou a habilidade para realizar tarefas ou atuar frente a situações diversas de forma eficaz em um determinado contexto. É necessário mobilizar atitudes, habilidades e conhecimentos ao mesmo tempo e de forma inter-relacionada. O uso do termo competência é uma consequência da necessidade de superar um ensino que, na maioria dos casos, reduziu-se a uma aprendizagem cujo método consiste em memorização, isto é, decorar conhecimentos, fato que acarreta na dificuldade para que os conhecimentos possam ser aplicados na vida (2010, p.17).

As análises, em suma, demonstraram que a prática adotada por Sullivan pode, sim, ser usada no ensino a crianças surdas e a crianças cegas, sendo necessárias as adaptações. Constatou-se que a metodologia adotada pela tutora de Keller resultou em um aprendizado significativo porque houve a preocupação de ensinar as palavras através de um contexto e não à solta.

À guisa de conclusão

Com este artigo, ficou evidente que a prática adotada por Anne Sullivan pode ser considerada como uma pioneira, aliás, mais que isso, pois pode funcionar como um guia, um norteador para os profissionais que trabalham não apenas no campo da fonoaudiologia, senão também no campo da licenciatura, sobretudo, no campo da Educação Especial/Inclusiva.

Ficou evidente, ainda, que determinados assuntos, em si, podem ser ensinados para as pessoas com as deficiências evidenciadas neste artigo, cabendo apenas ao profissional docente saber trabalhar e adaptar a sua metodologia para esse ensino sem desprezar, contudo, a teoria freireana que temos que trazer o universo do aluno à sala de aula – algo feito por Sullivan com maestria.

Referências

ALBUQUERQUE, Edda Sá de. Meu filho cego. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002. p. 142.

BIAGGIO, Ângela M. Brasil. Psicologia do Desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1976.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER, Audrei. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KELLER, Helen. A história da minha vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LAPATE, Vagner. Pediatria. In: LEONEL, Carla. Medicina: mitos e verdades. 4. ed. São Paulo: Editora CIP, 2000.

PIAGET, J. A Construção do Real na Criança. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SCAFF, Milberto. Neurologia. In: LEONEL, Carla. Medicina: mitos e verdades. 4. ed. São Paulo: Editora CIP, 2000.

VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. Aprenda Libras com eficiência e rapidez. 2010 p. 53.

ZABALA, A.; ARNAU, L. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZORZI, Jaime Luiz. A Intervenção Fonoaudiológica nas Alterações de Linguagem Infantil. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.